

**O GESTO DO DESENHO**

***THE DRAWING GESTURE***

**Sónia Vespeira de Almeida**

**José Mapril**



“**Entrada** na feira da ladra. Não se paga. Entrada grátis. Multidão dispersa. [...] Entrar para quê. Que esperas ver? Só para ver. Quero ver o que há no mundo. O que resta. O que deitaram fora. O que deixou de se apreciar. O que teve de se sacrificar. O que se pensou que pudesse interessar a alguém. Mas são só bugigangas. Se estão ali, aqui é porque houve uma escolha. Mas pode ser que haja alguma coisa valiosa, lá. Não é bem valiosa. Mas alguma coisa que *eu* queira. Que queira salvar. Alguma coisa que me fale. [...] Entrar para quê? Tens assim tanto tempo a perder? Vais olhar. Vais-te perder. [...]

Entrar para quê? Há muitos outros lugares como este. Um campo, uma praça, uma rua embuçada, um quartel, um parque de estacionamento, um cais. Podia ser qualquer sítio, mas acontece que é aqui. Está cheio de todos os lugares. Mas é aqui que vou entrar. Com os meus *jeans*, blusa de seda e ténis. Manhattan, Primavera de 1992. [...] Entro.”

Susan Sontag, *O Amante do Vulcão* (1992)

## **1. ENTRAR PARA QUÊ?**

No final do Verão de 2016, concebemos e realizámos, conjuntamente com Philip Cabau, um *Workshop em Desenho Etnográfico*, no contexto da Escola de Verão da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Enquanto antropólogos e professores, o desafio permitiu-nos uma reflexão mais consolidada sobre a mobilização do desenho na prática etnográfica, em particular perceber quais as potencialidades da sua inclusão mais activa

no gesto etnográfico (Pina-Cabral, 2007), sempre ancorado no «desejo de ir “lá” ver, perceber bem, questionar, confrontar e voltar com a melhor compreensão possível» (Pina-Cabral, 2007:193).

O desenho, enquanto instrumento de produção etnográfica, ocupou um território instável e descontínuo nas metodologias antropológicas<sup>1</sup>. Para certos autores, em certos períodos, o desenho foi central na problematização das realidades sócio-culturais estudadas, dando a ver e desocultando o que não estava visível. Para outros, o desenho foi simplesmente ignorado. Podemos até certo ponto afirmar que o desenho ocupou um lugar ambíguo no trabalho de campo, especialmente se comparado com outros métodos mobilizados pela disciplina.

Nos últimos anos, porém, o desenho readquiriu um lugar de destaque no fazer etnográfico, enquadrando-se as duas edições do *Workshop em Desenho Etnográfico* neste retorno, procurando em particular resgatar o desenho nas etnografias realizadas em contextos urbanos<sup>2</sup>. Na senda do trabalho de Karina Kuschnir (2011), procurámos interpelar a importância do desenho através de exercícios etnográficos na/sobre cidade e como esta emerge, em toda a sua complexidade, a partir do gesto. O desenho, como a escrita, representa, tanto na cidade como noutros contextos, uma forma de produzir a representação etnográfica.

Deste modo, fazemos nossas as interrogações do romance de Susan Sontag para analisar e partilhar porquê e *para quê* que, através do desenho, *entrámos* no Bairro do Rego e no Mercado do Bairro de Santos, situados na freguesia das Avenidas Novas em Lisboa.

---

1 Para uma abordagem aos usos da imagem na antropologia portuguesa ver Leal (2008). Para uma reflexão mais recente sobre os usos do desenho ver Afonso (2004), Kuschnir (2016), Azevedo & Ramos (2016) e Cabau (2016).

2 Ver por exemplo, o trabalho de Kuschnir (2011).

## 2. VAIS OLHAR UM LUGAR CHEIO DE TODOS OS LUGARES

O trabalho de “bastidores” realizado para a preparação dos *workshops* partiu, num primeiro momento, da troca de saberes e experiências entre áreas disciplinares distintas, mas que partilham a centralidade da observação prolongada e da atenção nas suas formas de fazer.

Contudo, orientados e treinados para o modelo textual, os antropólogos, apesar da emergência e consolidação da sub-área disciplinar Antropologia Visual, subalternizaram a imagem relativamente ao texto, assumindo este último maior relevância<sup>3</sup> como ponto de fixação das realidades e como um lugar da construção do seu significado. A célebre pergunta formulada por Clifford Geertz no ensaio “Thick Description: Toward an Interpretive Theory of Culture” incluído em *The Interpretation of Cultures* denuncia, de certa forma, esta supremacia: “What does the ethnographer do?” – he writes”<sup>4</sup> (1973:19).

Sublinhamos que resgatar e interrogar o desenho como ferramenta metodológica – uma ferramenta para ver (Kuschnir, 2011) – foi o nosso objectivo, procurando perceber como aprofunda e devolve a observação dos mundos que investigamos abrindo, deste modo, um território para a exploração de renovados trilhos para construção do conhecimento antropológico.

Circunscrevemos, como micro-território, o Bairro do Rego em Lisboa, fundamentalmente devido a três razões: 1) proximidade geográfica da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, situada na Avenida de Berna, em Lisboa; 2) especificidade urbana do bairro; 3) existência do Mercado do Bairro de Santos.

O Bairro do Rego apresenta um conjunto de características que parecem revelar um complexo *lugar na cidade*. Historicamente, é uma zona periférica

3 Alguns autores, como Schneider & Wright (2006) fazem referência à iconofobia dos antropólogos. Para reflexão sobre usos do desenho na antropologia ver Taussig (2009; 2011).

4 Geertz reforça esta afirmação com a seguinte nota: «Or, again, more exactly, “inscribes.” Most ethnography is in fact to be found in books and articles, rather than in films, records, museum displays, or whatever; but even in them there are, of course, photographs, drawings, diagrams, tables, and so on. Self-consciousness about modes of representation (not to speak of experiments with them) has been very lacking in anthropology» (Geertz, 1973:19).

que se situa para além da via-férrea de cintura (Baptista, 1987) e nas imediações do Hospital Curry Cabral. Simultaneamente, parece encerrado, a Norte, pela Avenida das Forças Armadas, e a Oeste, pela Avenida dos Combatentes. O bairro foi concluído nos anos 40 do século XX sendo ocupado por indústrias e uma população operária oriunda de várias partes do país. Segundo Luís Baptista (1987), a população do bairro tinha origem rural, sendo a maioria da Serra de Estrela, Viseu, Santarém e Abrantes. Ainda de acordo com a mesma pesquisa, durante a segunda metade do século, a construção do Hospital Santa Maria (em 1953), da Cidade Universitária, da Avenida das Forças Armadas, e mais tarde, já nos anos 70, da Avenida dos Combatentes, contribuíram para o isolamento e a autonomia do bairro face ao exterior:

“o que fora na primeira metade do século XX uma zona de fixação de população e, conseqüentemente de crescimento populacional, na sua maior parte à custa de migrantes de zonas rurais, transforma-se progressivamente numa zona de imobilidade populacional.” (Idem, 1987: 132)

No final do século XX, aquele que é hoje conhecido como o Bairro do Rego foi sujeito a um processo de transformação com vista à criação de numa nova centralidade em Lisboa, que consistiu na construção do Palácio da Bolsa, do Hotel Metropolitan e do Edifício Gemini (Baptista, 1987). Mais tarde, já no âmbito do Programa Especial de Realojamento (Ver Cachado 2012) procurou-se realojar algumas famílias naquela zona da cidade, processo que ficou concluído em 2000.

Actualmente, encontramos no bairro, também conhecido como o bairro dos pintores devido à sua toponímia, a sede nacional do PCP e do Grupo parlamentar do PCP no Parlamento Europeu na rua Soeiro Pereira Gomes. Simultaneamente, a sua população tem vindo a alterar-se sendo hoje composta por classes médias.

### 3. PROCURAR ALGUMA COISA QUE NOS FALE

Previamente ensaiámos o trajecto que iríamos realizar com os estudantes, o que na linguagem antropológica designamos de trabalho de terreno exploratório. Procurámos *alguma coisa que nos falasse*, isto é, procurámos identificar temáticas que nos permitissem uma articulação coerente com as problemáticas da antropologia contemporânea. Interpelámos, indagámos o bairro e o mercado nas suas múltiplas dinâmicas com a cidade “alargada” (Cachado, 2012). Desde logo sobressaíram alguns temas centrais como potenciais pistas de reflexão para o desenho etnográfico: (i) a natureza encapsulada do bairro e as deficientes mobilidades de acesso à cidade em geral; (ii) o impacto e a visibilidade do programa de realojamento nas dinâmicas do bairro; (iii) os processos de gentrificação de algumas zonas e a construção de um condomínio de luxo; e (iv) finalmente, a deslocalização de algumas empresas e serviços e as consequências para as dinâmicas quotidianas do lugar.

Em 2016, uma visita exploratória ao Mercado do Bairro de Santos revelou precisamente algumas destas dinâmicas e circunstâncias. Desde logo, surpreendeu-nos um núcleo de bancadas de mármore desocupadas, delicadamente preenchidas com vasos de plantas trepadeiras que comodamente as invadiam. Percorremos o espaço identificando várias zonas desocupadas (por exemplo lojas, bancadas), que num dos dias seguintes, viriam a ser utilizadas pelos nossos alunos para desenhar. Observámos os gestos, as interacções, os movimentos dos corpos, o manuseamento de objectos, conversámos, anotámos.

Fizemos, também, uso dos registos fotográficos, criando um percurso visual que nos permitiu, posteriormente, voltar ao mercado e ao bairro nas diferentes fases da preparação dos *workshops*. A nossa utilização despreocupada da máquina fotográfica chamou a atenção dos funcionários da Junta de Freguesia das Avenidas Novas, bem como dos lojistas e comerciantes. Perguntaram-nos: – “São de uma grande superfície?” Surpreendidos respondemos que éramos professores e que estávamos a preparar a visita dos nossos alunos ao mercado. E a partir desse momento começamos a identificar problemáticas etnográficas, um assunto *que nos falasse*.

Naquele mês de Setembro de 2016 terminava a “Consulta Pública Mercados Municipais de Lisboa, 2016-2020”, que trazia para a discussão pública um conjunto de medidas de reformulação dos mercados da cidade de Lisboa. Neste contexto, os comerciantes do mercado pareciam sentir as suas vidas em suspenso, à espera de um futuro e isso tinha uma tradução efectiva na própria ocupação do espaço. O actual edifício do Mercado do Bairro de Santos data de finais da década de oitenta e está localizado entre zonas habitacionais construídas no âmbito do PER (Programa Especial de Realojamento), um condomínio de luxo e um viaduto de acesso à Praça de Espanha, configurando uma zona com características intersticiais. Habitualmente, serve a população residente no bairro, mas também trabalhadores das empresas ali localizadas. Ainda assim, o mercado revela alguma decadência, com várias lojas e bancas encerradas – aquando da nossa visita, de um total de 50 bancas, apenas sete estavam efectivamente ocupadas. Entre estas encontramos bancas e lojas com produtos alimentares (peixaria, talho, banca de hortícolas, charcutaria, etc.), e vários serviços, tais como ateliê de costura, engomadoria, papelaria, entre outros.

Segundo alguns dos comerciantes, este cenário deve-se a um conjunto de factores: em primeiro lugar, a realocação de várias empresas aqui sediadas retirou uma parte substantiva dos clientes ao mercado. É referido que a saída da bolsa desta zona da cidade teria retirado importantes clientes ao mercado; em segundo lugar, o envelhecimento da população do bairro e o seu reduzido poder de compra tem levado a uma drástica redução do consumo; e finalmente, o próprio processo de renovação do mercado parece estar a contribuir para a sua decadência. Segundo alguns lojistas, o objectivo é renovar as actuais instalações e, por causa disto, os espaços vazios estão bloqueados e não podem ser novamente arrendados.

Em consequência destas particularidades considerámos importante um olhar comparativo sobre outros mercados com outras dinâmicas e para tal optámos por também visitar e desenhar o Mercado 31 de Janeiro, situado em Lisboa na freguesia de Arroios.



#### **4. QUERO VER O QUE HÁ NO MUNDO E O DESENHO COMO FAZER ETNOGRÁFICO**

Gilles Deleuze afirmava que uma aula é musical porque é uma espécie de matéria em movimento, com vários centros de interesse<sup>5</sup>. Por isso desafiávamos precisamente os alunos a partilhar os seus centros de interesse, identificando conjuntamente problemáticas etnográficas decorrentes das visitas ao Mercado do Bairro de Santos e ao Mercado 31 de Janeiro, que viriam a ser discutidas connosco e com os colegas durante as sessões dos *workshops*.

Num primeiro momento, os estudantes voltaram aos seus registos com o objectivo de identificar e seleccionar problemáticas antropológicas<sup>6</sup>. Procurou-se que os alunos mobilizassem, não só os desenhos e apontamentos realizados, mas também que convocassem novas camadas interpretativas. Defendendo um posicionamento dialógico na sala de aula (Freire, 2012) e partilhando da ideia de Rancière (2010) de que devemos agarrar os alunos ao invés de lhes ensinarmos matérias mudas, desafiámo-los a apresentar e a discutir as problemáticas escolhidas.

A partir de um debate focalizado na sua experiência com o desenho etnográfico e no que este possibilitou, afinámos mutuamente os centros de interesse. Fluxos, mobilidades, escalas, mercadorias, consumos, espaço, trabalho, corpo, performance, gesto técnico, criatividade, margens e normatividades foram as matérias destacadas. Estas espelhavam, de certa maneira, algumas problemáticas da antropologia contemporânea atenta às diferentes formas de se estar no mundo (Toren & Pina-Cabral 2011) e as suas complexidades e, simultaneamente, revelavam como pequenos lugares nos permitem, como argumenta Thomas Eriksen, reflectir sobre grandes temas. Nas palavras do autor: “One may therefore say that anthropology asks large questions, while at the same time it draws its most important insights from small places” (2002 [1995]: 2). Neste caso, o desenho permitiu-nos pensar sobre mercados, economia política e contextos urbanos bem como estas dinâmicas contextuais ajudam a dar sentido aos próprios gestos

5 <https://www.youtube.com/watch?v=UroqpYy4OIM>

6 A identificação dos assuntos etnográficos viria a ser materializada na realização de um painel.

dos actores. O gesto, dos nossos interlocutores e dos próprios antropólogos, assumiu assim um lugar de destaque. Se o conhecimento etnográfico implica não apenas intersubjectividade, mas também mutualidade, e, portanto, a produção de um conhecimento em conjunto com os nossos interlocutores, então podemos afirmar que o gesto - que é desenhado e que desenha - e a linha traçada - aquela que desenha e escreve (Ingold 2007:120) - são mediadores interpretativos já que permitem estabelecer o diálogo entre quem observa e quem é observado e assim produzir conhecimento. Dito de outro modo, em antropologia a interpelação do real passa, também, pelas formas de registo e pelos cadernos de campo: “that mix raw material of observation with reverie and, [...], with drawings, watercolors, and cuttings from newspapers and other media.” (Taussig 2011: xi). Diz-nos Taussig que nem todos os cadernos de campo são como os dele, mas o princípio está lá: uma assemblage de materiais resultantes do encontro etnográfico.

Se a Antropologia procura um entendimento sobre o estar no mundo, conhecer a partir de dentro (Ingold 2013), o desenho permite ao investigador perguntar com os olhos e com o gesto (Berger 2011). Simultaneamente, ao desencadear um mapa colaborativo desvela uma troca intersubjectiva intersectando olhares, incitando a ver melhor as histórias e os mundos partilhados. Deste modo, o desenho e a antropologia participam em territórios comuns: são formas de ver e conhecer o mundo (Kuschnir 2016:105).

Desenhar como forma de conhecimento e perspectivar cada linha como um acesso antropológico ao sentido dos outros, foi o desafio dirigido aos estudantes. O seu retorno, através dos materiais que construíram e partilharam, permitiu-nos reflectir em particular sobre os contributos do desenho etnográfico para o trabalho de campo. Na linha de Kuschnir, destacamos a relação do desenho etnográfico com as formas de registo, em particular a forma como ajuda o observador a ver e a ouvir novas coisas, gerando novos pontos de vista para o entendimento do real.

“It is the entrance to a flea market. No charge. Admittance free. Sloppy crowds. [...] Why enter. What do you expect to see. I’m seeing. I’m checking on what’s in the world. What’s left. What’s discarded. What’s no longer cherished. What to be sacrificed. What someone thought might interest someone else. But it’s rubbish. If there, here, it’s already sifted through. But may there be something valuable, there. Not valuable, exactly. But something *I would want*. Want to rescue. Something that speaks to me. [...] Why enter? Have you that much spare time? You’ll look. You’ll stray. You’ll lose track of the time. [...]

Why enter? There are many places like this one. A field, a square, a hooded street, an armory, a parking lot, a pier. This could be anywhere though it happens to be here. It will be full of everywhere But I would be entering it here. In my jeans and silk blouse and tennis shoes. Manhattan, Spring of 1992. [...] I tell myself what I want to enter.”

Susan Sontag, *The Volcano lover* (1992)

## **1. AN ENTRANCE?**

At the end of the summer of 2016, we conceived and carried out, together with Philip Cabau, a summer school workshop on Ethnographic drawings, in the New University of Lisbon.

As anthropologists and teachers, this summer course allowed us an in depth reflection about the importance of drawings in ethnographic practice, in particular in relation to the ethnographic gesture (Pina-Cabral, 2007) and the “desire to go ‘there’, to grasp, question, confront and come back with the best possible understanding” (Pina-Cabral, 2007:193).

Drawings, as instruments of ethnographic production, occupy an unstable and discontinuous territory in anthropological methodologies<sup>1</sup>. For some authors, during certain periods of the discipline, the drawing was central to the study of socio-cultural realities, unveiling and making visible what was once unseen. For others, though, drawings were simply ignored. To a certain extent, the ethnographic drawing has occupied an ambiguous place in fieldwork, especially when compared with other methods mobilized and celebrated by the discipline.

In recent years, however, the drawing regained a prominent place in ethnographic making. It is in this context that the two editions of the workshop in ethnographic drawing, in 2016 and 2017, have to be understood, especially to reclaim its place in relation to urban contexts and researches<sup>2</sup>. Seeking inspiration in the work of Karina Kuschnir (2011), we wanted to highlight the importance of drawings in ethnographic exercises in and about the city and its complexities. Just like the act of writing, drawings are a way of producing ethnographic representation, both in/of the city as well as in other contexts. This way, and just like Susan Sontag, we ask why and for what are we in Rego neighborhood and Santos neighborhood Market, located in the Avenidas Novas parish (*freguesia* in Portuguese) and what is the role of the ethnographic drawing.

## **2. A PLACE OF MANY PLACES**

The “backstage” work carried out for the preparation of the workshops started, in a first moment, with an exchange of experiences among researchers with different disciplinary areas with a common interest in long term observation. However, and in spite of the emergence and consolidation of the disciplinary sub-area of Visual Anthropology, anthropologists have been mainly trained in the textual model and, accordingly, subordinated

---

1 For the uses of images in Portuguese anthropology see Leal (2008). For a more recent anthropological reflection about the drawing and its uses see Afonso (2004), Kuschnir (2016), Azevedo & Ramos (2016) and Cabau (2016).

2 See for instance, Kuschnir (2011).

the image to the text as a way of producing knowledge and meaning<sup>3</sup>. This trend becomes evident in the question formulated by Clifford Geertz in his famous essay entitled *Thick Description: Toward an Interpretive Theory of Culture*: “What does the ethnographer do? he writes”<sup>4</sup> (1973:19).

Our objective was to reclaim the drawing as a methodological tool to see (Kuschnir, 2011) and deepen our ethnographic observations and, as a consequence, open new avenues for the construction of anthropological knowledge.

As a context for practice, we choose the Rego/Santos neighbourhood in Lisbon, because of (i) the geographic proximity to the university (in Avenida de Berna); (ii) the specificities of this urban location; (iii) the existence of a neighborhood daily market – the Mercado do bairro de Santos.

The Rego/Santos neighborhood presents a set of characteristics that seem to reveal a complex location in the city. Historically, it is a peripheral zone that lies beyond a railroad line (Baptista, 1987) and in close proximity to Curry Cabral Hospital. Simultaneously, it seems enclosed, to the North and to the West, by two major avenues (Avenida das Forças Armadas and Avenida dos Combatentes). The neighborhood was completed in the 1940s and was initially occupied by industries and a working-class population from various parts of the country. According to Luis Baptista (1987), the population of the neighborhood had rural origins, the majority of which were from Serra de Estrela, Viseu, Santarém and Abrantes. According to the same researcher, during the second half of the century, the construction of the Santa Maria Hospital (in 1953), the Lisbon University campus, the Avenida das Forças Armadas, and later, in the 1970s, the Avenida dos Combatentes, contributed to the isolation and autonomy of the neighborhood in relation to the rest of the city.

---

3 Some authors, such as Schneider & Wright (2006), explicitly mention the iconophobia of anthropologists. For another analysis of the uses of drawings in Anthropology see Taussig (2009; 2011).

4 Geertz emphasizes this idea with the following note: «Or, again, more exactly, “inscribes.” Most ethnography is in fact to be found in books and articles, rather than in films, records, museum displays, or whatever; but even in them there are, of course, photographs, drawings, diagrams, tables, and so on. Self-consciousness about modes of representation (not to speak of experiments with them) has been very lacking in anthropology» (Geertz, 1973:19).

“What was in the first half of the twentieth century an area of population settlement and, consequently, of population growth, mostly from rural backgrounds, progressively becomes a zone of population immobility.” (Idem, 1987: 132).

By the end of the 20th century, what is now known as Bairro do Rego was subjected to a process of transformation with the specific aim of creating a new centrality in Lisbon, which included the construction of the new Stock Exchange, an Hotel and a mall - the Gemini Building (Baptista, 1987). Later, and in the context of a rehabilitation program (See Cachado 2012), some families were relocated to this part of the city, a process that was completed in the 2000s. Currently, the Rego/Santos neighborhood, also known as the painters' neighborhood due to its toponymy, includes the national headquarters of the Portuguese Communist Party (PCP) and its Parliamentary Group in the European Parliament, in Soeiro Pereira Gomes street. Nowadays, its population has been changing and is now composed of segments of the population that describe themselves or are described by others as “middle classes”.

### **3. LOOKING FOR SOMETHING THAT WOULD SPEAK TO US**

Some days before, we did some exploratory (field)work, looking for themes that would allow us to articulate coherently some of the problems of contemporary anthropology. We questioned and researched the neighborhood and the market in its multiple dynamics within “enlarged” city (Cachado, 2012) and identified some central themes for ethnographic drawings: (i) the encapsulated nature of the neighborhood and its limited mobility connections in relation to the city in general; (ii) the impact and visibility of the rehousing program on the neighborhood; (iii) the processes of gentrification of some areas; and (iv) finally, the relocation of some companies and services and its consequences for the daily dynamics of the area.

In 2016, an exploratory visit to the Santos neighborhood Market revealed precisely some of these dynamics and circumstances. At first, we were struck by a nucleus of unoccupied marble stands, delicately filled with vines of climbing

plants. We traced the space identifying several unoccupied zones (eg: shops, stands), which, in one of the following days, would be used by our students for their drawings. We observed the gestures, the interactions, the movements of the bodies, the manipulation of objects, we talked, we took notes.

We also resorted to photographic records, creating a visual route that allowed us to return to the market and the neighborhood in the different moments of the preparation of the workshop. Our use of the camera caught the attention of the staff of the parish council of Avenidas Novas, as well as the shopkeepers and merchants that asked us: “Are you part of some large food retail chain?” Surprised, we explained who we were and the reasons that brought us to the market in the first place. From that moment on, we began to identify some ethnographic problems.

September (2016) was the final month to participate in the “Public Consultation of the Municipal Markets of Lisbon (2016-2020)”, a program that proposed a series of measures to transform Lisbon’s markets. In this context, the sellers in the market felt that their lives were on hold, waiting for a future, and this had an effect in the very occupation of the space. The current building of the Santos neighborhood Market dates back to the late eighties and is located close to the rehousing areas built under the PER (Special Rehabilitation Program), a luxury condo, and a major highway, and thus it is an area with interstitial/liminal characteristics.

Usually, this market is used by both neighborhood residents as well as by workers of the companies located in the area. In spite of this affluence, the market reveals some decay, with several shops and stalls closed – during our first visit, out of a total of 50 stalls/stands, only seven were actually occupied. Among these were stalls and shops with foodstuffs (fishmonger, butchery, vegetables, delicatessen, etc.), and various services, such as sewing studio, ironing, stationery, among others.

According to some of the venders, this scenario is due to a number of factors: firstly, the relocation of several companies reduced substantially part of the customers. As an example, the relocation of the stock exchange led to

a dramatic reduction of costumers, some of which were high paying ones; secondly, the aging of neighbourhood population and, in some cases, its reduced acquisitive power, led to a drastic reduction in consumption; and finally, the very process of market renewal seems to be contributing to its decay. According to some tenants, the aim is to renovate the existing facilities and, because of this, some of the vacant spaces cannot be rented again.

As a consequence, we decided to do a comparative exercise in a different market, with other dynamics, and we choose the Market January 31st, located in Arroios parish in Lisbon.

#### **4. I WANT TO SEE THE WORLD AND THE DRAWING AS ETHNOGRAPHY**

Gilles Deleuze argued that a class is musical because it is a kind of matter in movement, with several centers of interest. That is why we specifically challenged the students to share their centers of interest, identifying collectively and discussing ethnographic issues arising from the visits to the Santos Market and the Market January 31st.

At first, the students reviewed their own drawings/notes/photographs in order to identify and select anthropological problems. We wanted them to mobilize, not only the drawings and fieldnotes, but also interpretative layers. Defending a dialogical positioning in the classroom (Freire, 2012), and sharing the idea of Rancière (2010) that we should catch the students' attention instead of teaching them silent subjects, we challenged them to present and discuss their own choices. From these discussions, we mutually refined the "centers of interest" such as: flows, mobilities, scales, goods, consumptions, space, work, body, performance, technical gesture, creativity, margins and normativities. Some of these, mirrored, in a way, some of the problems of contemporary anthropology in relation to different ways of being in the world (Toren & Pina-Cabral 2011) and their complexities and, at the same time, revealed how small places allow us, as Thomas Eriksen argue, reflect on major issues. In the author's words:



“One may therefore say that anthropology asks large questions, while at the same time it draws its most important insights from small places” (2002 [1995]: 2).

In this case, the drawings allowed us to think about markets, political economy and urban contexts as well as how these contextual dynamics and processes help us give meaning to our interlocutors gestures and interpretations. The gestures, of our interlocutors and of the anthropologists themselves, has thus taken center stage. If the ethnographic knowledge implies not only intersubjectivity, but also mutuality, and therefore the production of a knowledge together with our interlocutors, then we can affirm that the gesture - which is drawn, draws and writes (Ingold 2007: 120) – is an interpretive mediator since it establishes a dialogue between who observes and who is observed and thus produces knowledge. In other words, in anthropology the interpellation of the real passes, also, by the forms of registration and by the field notebooks:

“that mix raw material of observation with reverie and, [...], with drawings, watercolors, and cuttings from newspapers and other media.” (Taussig 2011: xi).

Taussig tells us that not all field notebooks are like his, but the essential is there: an assemblage of materials resulting from the ethnographic encounter.

If Anthropology searches an understanding about being in the world, knowing from within (Ingold 2013), the drawing allows the researcher to interpret with the eyes and the gesture (Berger 2011). Simultaneously, unleashing a collaborative map uncovers an intersubjective exchange intersecting glances, prompting us to better see shared stories and worlds. In this way, drawing and anthropology participate in common territories: they are ways of seeing and knowing the world (Kuschnir 2016: 105).

To draw, as a form of knowledge, and to contemplate each line as an anthropological access to the sense of others, was the challenge addressed to the students. Their feedback, through the materials they built and shared, allowed us to reflect in particular on the contributions of ethnographic

drawing to fieldwork. As Kuschnir, we highlight the relation of ethnographic drawing to forms of registration, in particular the way it helps the observer to see and hear new things, generating new points of view for the understanding of the real.

**BIBLIOGRAFIA****BIBLIOGRAPHY**

AFONSO, Ana, 2004, “New Graphics for old stories: representation of local memories through drawings”. In. Sara Pink, Lázló Kurti, Ana Isabel Afonso (orgs) *Working Images. Visual representation in Ethnography*. Londres, Nova Iorque, Routledge.

AZEVEDO, Aina; RAMOS, Manuel João, 2016, “Drawing close – On Visual Engagements in Fieldwork, Drawing Workshops and Anthropological Imagination” *Visual Ethnography*, Vol. 5, n.º 1, pp. 135-160.

BAPTISTA, Luís, 1987, *Crescimento Urbano e Migrações Internas: Contrastes e alterações sócio-espaciais, e redes de interconhecimento – O Bairro do Rego – Lisboa, 1900-1985*. Dissertação de mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa, Lisboa, NOVA FCSH.

BERGER, John, 2011, *Bento's Sketchbook*, New York, Pantheon Books.

CABAU, Philip, 2016, “Crús e Descosidos. Reflexões em torno do desenho da antropologia” in *Cadernos de Arte e Antropologia* (Antropologia e Desenho), Núcleo de Antropologia Visual da Universidade da Baía, Vol. 5, n.º 2, pp. 21-36.

CACHADO, Rita, 2012, *Uma Etnografia na cidade alargada. Hindus da Quinta da Vitória em Processo de Realojamento*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

ERIKSEN, Thomas Hylland, 2001 [1995], *Small places, Large issues. An Introduction to Social and Cultural Anthropology*, London, Sterling, Virginia, Pluto Press.

FREIRE, Paulo, 2012, *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à prática educativa*, Mangualde, Edições Pedagogo.

GEERTZ, Clifford, 1973, *The Interpretation of Cultures, Selected Essays by Clifford Geertz*, New York Basic Books.

INGOLD, Tim, 2007, *Lines: A Brief History*, London, Routledge.

INGOLD, Tim, 2013, *Making: Anthropology, archaeology, art and architecture*, London, Routledge.

KUSCHNIR, Karina, 2011, “Drawing the City. A Proposal for an Ethnographic Study in Rio de Janeiro”, *Vibrant*, Vol. 8, n.º 2, pp. 609-642.

KUSCHNIR, Karina, 2016, “Ethnographic Drawing: eleven benefits of using sketchbook for fieldwork”, *Visual Ethnography*, Vol. 5, n.º 1, pp. 103-134.

LEAL, João, 2008, “Retratos do povo. Etnografia portuguesa e Imagem” in Pais, J. M., Carvalho, C., Gusmão, N. M. de, *O Visual e o Quotidiano*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 117-133.

PINA-CABRAL, João, 2007, «“Aromas de urze e de lama”: reflexões sobre o gesto etnográfico», *Etnográfica* [Online], vol. 11 (1), pp. 191-212.

RANCIÈRE, Jacques., 2010, *O Mestre Ignorante. Cinco Lições Sobre Emancipação Intelectual*, Mangualde, Edições Pedagogo.

SHNEIDER, Arnd; WRIGHT, Christopher (eds.), 2006, “The Challenge of Practice”, in *Contemporary Art and Anthropology*, Great Britain, Berg, pp. 1-27.

TAUSSIG, Michael, 2009, “What Do Drawings Want”, *Culture, Theory & Critique*, 50 (2-3), pp. 263-274

TAUSSIG, Michael, 2011, *I Swear I Saw This. Drawings in fieldwork notebooks, namely my own*, Chicago, London, The University of Chicago Press.

TOREN, Christina; PINA-CABRAL, João de (eds.), 2011, *The Challenge of Epistemology*, New York, Oxford, Berghahn Books.